

AOS MILITANTES DA UNIÃO DOS ESTUDANTES COMUNISTAS

Camaradas:

A UEC tem pouco mais de um ano de vida legal. Um ano em que alargou a sua actividade a muitas escolas e regiões, onde não existia, em que multiplicou diversas vezes os seus efectivos, em que se reforçou como vanguarda revolucionária dos estudantes portugueses.

Um ano de revolução que foi, ao mesmo tempo, um ano de descoberta da legalidade.

Chegámos ao momento de se fazer em todos os organismos um balanço das formas e métodos de trabalho, de corrigir deficiências que se têm vindo a verificar.

A UEC clandestina era uma organização a que as próprias condições impostas pela repressão fascista, a obrigavam a uma forte disciplina revolucionária, uma organização cuja criação e desenvolvimento da ditadura fascista foi incapaz de impedir. E hoje?

Hoje a UEC pode desenvolver livremente a sua actividade nas escolas, pode chegar abertamente às massas. Isto é uma conquista inestimável, que tem de ser a cada momento completamente aproveitada.

Mas, por outro lado, a UEC é uma organização estudantil, actuando num sector - o ensino - onde a revolução ainda quase não chegou.

Enquanto se marcha a passos largos a caminho do socialismo, o ensino e as escolas estão praticamente no estado em que foram deixados pelo fascismo.

As dificuldades momentâneas no nosso trabalho tornam-se assim mais evidentes. Mas a UEC tem de as enfrentar como um verdadeiro exército político com uma linha de acção clara, tem de nas actuais condições ganhar os estudantes para o processo revolucionário, para o lado da classe operária. E, como tem sido inequivocamente demonstrado ao longo destes últimos meses, só a UEC e mais nenhuma organização política o pode fazer.

II

A LEGALIDADE NÃO PODE SIGNIFICAR UMA QUEBRA DOS NOSSOS PRINCÍPIOS

A UEC rege-se pelos princípios do centralismo democrático.

que a uma direcção centralizada a UEC junta a mais ampla democracia na definição da linha política e no desenvolvimento da sua actuação.

No entanto, deparam-se na nossa actividade alguns erros, instalam-se defeitos que resultam de uma incompreensão do que são os métodos leninistas de trabalho.

Falta de cumprimento das tarefas, políticas ou técnicas, não execução das resoluções tomadas nos organismos, liberalismo no trabalho, "discutivite" nas reuniões e não correspondência, na acção, perda de tempo, inoperatividade e falta de pontualidade, são algumas das deficiências que têm que ser prontamente vencidas no nosso trabalho.

Para tanto há que clarificar conceitos.

A combinação da mais ampla democracia interna com os princípios do centralismo asseguram a coesão ideológica e política, a unidade de acção que faz da UEC uma verdadeira organização revolucionária.

São os seguintes os princípios básicos do centralismo democrático: 1) eleição de todos os organismos, do topo à base; 2) uma rigorosa disciplina e 3) submissão da minoria à maioria; 4) o carácter obrigatório das resoluções dos organismos superiores para os inferiores; 5) obrigatoriedade de prestação de contas dos organismos superiores aos inferiores; 6) proibição da existência de fracções na UEC.

Isto significa em linhas gerais que, na UEC, tal como no Partido, todo o militante tem pleno direito de no seu organismo apresentar as suas opiniões. Significa que todas as linhas de orientação, todos os planos de acção devem ser submetidos à discussão, à crítica e ao enriquecimento criador de todos os militantes nos seus organismos, significa que todos os militantes têm o direito de propor, aprovar ou rejeitar.

No entanto, na prática verifica-se que muitas vezes não há uma real compreensão do significado destes princípios essenciais.

Assim, cai-se em dois extremos. Por exemplo, é frequente o controleiro chegar a um organismo, "recitar" o "ponto político", os militantes tomam apontamentos para depois os "recitarem" para os organismos que controlam, não se travando nenhuma discussão, não havendo um esforço de reflexão pessoal de cada militante sobre a linha geral definida.

Por outro lado, é frequente que num organismo se discuta a situação numa escola, se tracem planos de acção e depois não sejam levados à prática e camaradas que participaram na discussão contrariem as decisões tomadas, sob os mais variados pretextos.

Na verdade, o centralismo democrático implica que uma vez tomada uma decisão num organismo ela só possa ser alterada ou revogada no organismo novamente; a essa decisão ficam vinculados todos os seus componentes, mesmo que discordem da decisão tomada pela maioria.

É da compreensão destes princípios básicos que surge a compreensão do que é a disciplina partidária.

Disciplina que advém da apreensão da linha política, que além da compreensão do papel dos comunistas na revolução, que advém da apreensão do marxismo-leninismo e da sua aplicação à prática revolucionária do dia a dia. Disciplina que advém da certeza da vitória e do papel do Partido como força impulsionadora das mudanças históricas que estamos a viver.

III

COMBATE FIRME A VÍCIOS E MÉTODOS INCORRECTOS DE TRABALHO

Na correcção das deficiências que se sentem no nosso trabalho, muitas das quais têm origem no próprio estilo ganho no movimento estudantil, causam particular apreensão a falta de operatividade e de viragem real para a acção de massas.

As reuniões, a todos os níveis, são longas e de conclusões pouco claras, os organismos funcionam por vezes quase como "clubes de discussão", divaga-se, verbaliza-se...

É preciso modificar radicalmente este estilo de trabalho, onde ele existe. É necessário reuniões operativas e de conclusões claras. É necessário um apertado contróle de execução.

No entanto, camaradas, este estilo só será imposto se, em cada escola, a UEC tiver a organização a funcionar segundo as suas estruturas. Se houver da parte dos organismos, de direcção nacional e regional uma clara definição da orientação, se houver da parte dos secretariados das células uma nítida apreensão da linha geral de orientação e clareza nas decisões tomadas e nos planos de acção traçados para cada escola.

Há que fomentar em toda a UEC uma activa vida política, mas virada para a acção. Nós, comunistas, pretendemos, na verdade, modificar o mundo não só explicá-lo. Há que imprimir grande espírito de iniciativa criadora para que a linha política da UEC seja enriquecida com a experiência e com a reflexão de cada militante. Há que trazer e capitalizar a experiência colhida junto das massas.

No entanto, simultaneamente, há que imprimir uma férrea disciplina a todo o nosso trabalho.

A revolução, camaradas, está a fazer-se com ideias claras e

os revolucionários estão a forjar-se na acção revolucionária.

IV

TRABALHO DE MASSAS - NOSSO OBJECTIVO

Ganhar as massas estudantis para a revolução é o objectivo central da UEC. É a razão da sua existência.

Trata-se de uma complexa tarefa. Mas é inegável que é esta a maior contribuição que podemos dar ao avanço da revolução.

Tão complexa que já várias forças políticas desistiram de, trabalhar com os estudantes em diversas escolas. Nós, camaradas, não desistiremos de manter uma poderosa frente de estudantes comunistas. O nosso esforço continuará virado para o reforço do trabalho de massas.

Se por um lado existe a certeza de que os estudantes só estarão inteiramente (aqueles que interessa que estejam) com a revolução se forem tomadas medidas que verdadeiramente revolucionem o ensino e o ponham ao serviço dos trabalhadores, é também certo que elas só serão tomadas se a UEC e todos os estudantes progressistas contribuírem para criarem condições políticas que permitam que sejam tomadas.

Numa ou noutra faculdade, num ou noutro liceu onde a reacção cria condições mais difíceis de trabalho surjem por vezes sintomas de cansaço, alguns desistem mesmo com o desabafo "estou farto de estudantes", ou foge-se ao traçar e levar à prática de uma linha ofensiva virada para ganhar estudantes para o nosso lado. Desiste-se da batalha!

Não, camaradas! O melhor serviço que podemos prestar à revolução, é impedir que os estudantes sejam uma arma da contra revolução, é sermos os legítimos representantes dos interesses do PCP e, conseqüentemente, da classe operária nas escolas.

O processo revolucionário avança. Os que aspiram por uma democracia burguesa ou pelo regresso do fascismo, não conseguirão parar a revolução que chegará também às escolas.

No entanto, há também aspectos da nossa acção a corrigir prontamente se queremos ter um verdadeiro trabalho de massas.

Combate firme ao sectarismo que nos afasta dos estudantes. Desde a imprensa em particular os comunicados das células até à própria conduta dos estudantes comunistas, não existe a preocupação constante de estar com as massas, de viver e sentir com os estudantes, de ir ao encontro dos seus sentimentos, de defen-

É dada frequentemente uma imagem fechada da UEC, uma imagem anti juvenil, que cria um fosso entre os estudantes comunistas e as massas. Assim, sucede que há jovens que não se inscrevem na UEC porque receiam a perspectiva de terem de trabalhar "dia e noite" !

É também necessário dar firme combate ao espírito de seita e de grupo. Combater vigorosamente o trabalho enconchado e virado para dentro! Há células, organismos, que reúnem, pagam cotas, discutem entre si, mas não planificam, não têm um trabalho de massas. No entanto, mesmo em escolas onde impera a reacção de "esquerda" ou de direita, mas em que a nossa actividade é frontal e corajosamente virada para as massas, num trabalho coerente e coeso, temos tido grandes êxitos. Quando nos viramos para dentro e "fugimos" dos estudantes, a organização estabiliza, burocratiza, e os seus quadros perdem perspectivas.

Há também falhas na escolha das formas de acção. Nas escolas onde as formas de luta utilizadas se restringem ao "envergonhado comunicado-de-vez-em-quando" e a uma acção semi-clandestina junto dos estudantes, a UEC pode-se dizer que fica moribunda! Quando nos servimos de formas de luta de massas, desde RGAs, a ; meetings, reuniões de curso, intervenções junto dos estudantes, lançamento de iniciativas e sobretudo enraizando e capitalizando a nossa acção, acompanhando-a sempre da criação de estruturas unitárias - os frutos são imediatos.

Por detrás duma ou doutra concepção de trabalho está a existência de confiança ou a não existência da confiança nas massas.

Há que confiar nas massas estudantis, na certeza de, que sempre que avançamos com linhas de acção claras e audaciosas, viradas para ganharmos os estudantes para o nosso lado, sempre que não recuamos perante nenhuma espécie de chantagem, sempre que estruturamos a nossa acção em estruturas unitárias, sempre que unimos os estudantes em iniciativas concretas indo de encontro aos seus sentimentos e aspirações, sempre que sabemos interpretar os seus problemas e perspectivá-los, resolvendo-os, inserindo-os no processo revolucionário - a UEC, liga-se às massas, a UEC alcança grandes vitórias. Pelo contrário, quando caímos no defensismo, no derrotismo, no medo político ou físico, na desconfiança e no descrédito nos estudantes, e métodos de trabalho semi-clandestinos e nas costas dos estudantes - a UEC paralisa, descrê de si própria e da sua capacidade de intervenção, quer no trabalho interno de reuniões atrás de reuniões, e de falta de perspectivas.

Estes são, camaradas, alguns aspectos do nosso trabalho que

têm que ser prontamente corrigidos. Há que discuti-los em cada organismo na perspectiva de corrigirmos e melhorarmos a nossa acção revolucionária.

Os estudantes comunistas têm de continuar a merecer ser a vanguarda revolucionária dos estudantes portugueses.

Tal como disse o camarada Álvaro Cunhal no I Encontro Nacional da UEC : " A organização comunista dos estudantes tem grandes tradições de combatividade, dedicação e heroísmo. Nas complexas condições de luta desde o 25 de Abril, a União dos Estudantes Comunistas tem-se mostrado digna das magníficas tradições do seu passado.

É tarefa da UEC orientar a luta dos estudantes em defesa dos seus interesses e pela reforma democrática do ensino, e ganhar as massas estudantis para a perspectiva da transformação da sociedade portuguesa, para a construção de um Portugal Democrático, progressista e independente, abrindo caminho para o socialismo."

SAUDAÇÕES COMUNISTAS

Lisboa, 23 de junho de 1975

A

COMISSÃO EXECUTIVA DA COMISSÃO CENTRAL
DA UNIÃO DOS ESTUDANTES COMUNISTAS